



**TRADUÇÃO DOS MANUSCRITOS PÓSTUMOS
DE
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Projeto de

Maria Lúcia Cacciola, Diana Chao Decock e Vilmar Debona

VOLUME I**MANUSCRITOS JUVENIS**
(1804-1818)

Tradução de

Diana Chao Decock

Professora do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: decock.diana@gmail.com

Vilmar Debona

Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

E-mail: debonavilmar@gmail.com

Nota preliminar dos tradutores

O presente trabalho de tradução representa o prelúdio de um projeto que, a seis mãos, lança-se a uma tarefa árdua e, devido à sua extensão, certamente morosa: verter para o português todos os volumes dos Manuscritos Póstumos de Arthur Schopenhauer, até hoje inéditos na cultura lusófona. Os três organizadores do projeto, mencionados na página anterior, alternar-se-ão na tradução dos cinco volumes (o Volume IV divide-se em dois) que perfazem a edição crítica dos referidos Manuscritos organizada por Arthur Hübscher (*Der Handschriftliche Nachlaß*, 5 Vols. em 6 Tomos, München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985). Até o momento, o Volume I, intitulado *Manuscritos juvenis*, está sendo traduzido pelos dois nomes que assinam a presente texto, enquanto o Volume II, intitulado *Confrontos críticos*, está sendo traduzido por Maria Lúcia Cacciola. Na sequência, os três tradutores dividirão os trabalhos com o Volume III, intitulado *Manuscritos berlinenses*, assim como com os Volumes IV-1 e IV-2, intitulados, respectivamente (na referida edição de Hübscher, de 1985), *Os livros manuscritos dos anos 1830-1852* e *Últimos manuscritos/Oráculo manual de Gracián*.

O que propomos com a publicação antecipada na *Revista Voluntas* de trechos ou partes de nosso trabalho - caso dos fragmentos apresentados abaixo, que

poderão ser seguidos por outros, nas próximas edições deste periódico - é o que poderíamos chamar de “experiência laboratorial” das atividades de tradução, feitas, naturalmente, a partir do original em alemão. Em outros termos, antes de publicarmos as edições impressas de cada um dos extensos referidos volumes, visamos aproveitar o espaço proporcionado pela revista de “estudos sobre Schopenhauer” para apresentarmos uma espécie de prévia, um “experimento” dos tradutores que, com isso, poderá ser também uma experiência primeira para os leitores, aos quais (principalmente aos especializados) nossas atividades pretendem se apresentar sem qualquer imunidade ou intransigência, mas receptivas às impressões que possam, de alguma forma, aprimorar o trabalho. Abre-se, com isso, é preciso dizer, a possibilidade de preenchermos uma significativa lacuna no acesso do leitor de língua portuguesa ao todo dos textos do filósofo, projeto que pretende somar-se às qualificadas traduções brasileiras das obras publicadas em vida pelo pensador.

Assim, o que publicamos a seguir são os fragmentos iniciais que constam do Volume I da obra póstuma schopenhaueriana sob o título de *Primeiros manuscritos (Erstlingsmanuskripte)*, relativos aos anos de 1807-1811.

Avisamos o leitor sobre os seguintes pontos: i) nesta primeira versão, ainda não apresentamos notas técnicas ou de comentários sobre termos, preferências de vocabulário ou assuntos gerais que mereceriam observações dos tradutores, o que será incluído posteriormente; ii) por ora, não incluímos também a tradução das poesias do jovem Schopenhauer, que tanto aparecem entre os fragmentos pertencentes ao período da parte aqui traduzida (1807-1811) quanto são registradas nos três anos imediatamente anteriores, entre 1804 e 1806. Este é o motivo pelo qual a numeração entre colchetes do início de cada fragmento está descontinuada, iniciando-se com o número 6 e, depois, apresentando um intervalo entre os fragmentos 7 e 12; iii) as informações que aparecem ao longo do texto entre colchetes e em cor cinza foram reproduzidas da versão digitalizada das obras completas do filósofo, o projeto editorial *Schopenhauer im Kontext III*, pelo fato de este apresentar marcações mais precisas em relação à edição impressa por nós utilizada, onde, por exemplo, não existe paginação para a parte aqui traduzida. Assim, o leitor poderá melhor se localizar no texto ao levar em conta que os mencionados colchetes contêm três informações: a letra “N” é a inicial de *Nachlaß*

(Espólio), o algarismo romano “I” sinaliza o Volume dos Manuscritos póstumos e os algarismos arábicos indicam a paginação do original em alemão.

Primeiros manuscritos¹ (1807-1811)

1807

1[6]

[NI4] A posição do nível do espírito se determina completamente pelo olhar, profundo ou superficial, com o qual se vê o mundo externo. O Europeu comum vê frequentemente quase como o animal e, se alguém não lhe tivesse dito, não suspeitaria do visível no invisível. Ele pode, assim, tão pouco quanto o animal afastar-se com seriedade do mundo externo, ou também apenas conceber tal mundo com sua própria intuição. Por que devem os poucos homens superiores, que devido ao acaso não são tão encorpados como a legião dos outros, por que esses indivíduos devem ser separados por milhares de obstáculos, uma vez que suas vozes não podem ser alcançadas e não reconhecem a si mesmos, assim como não podem lutar pela bendita hora do espírito? Por que deve um tal homem, se o acaso tanto lhe deu, sentir, no melhor dos casos, o ser semelhante somente na obra de arte dos mortos ou dos distantes e, então, a saudade (*Sehnsucht*) aumentar seu tormento, enquanto ele definha no ermo, onde, como a areia do Saara, o bando incontável de semianimais estúpidos toca sozinho seu olhar? [NI5]

2[7]

[Sobre os garçons]

¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *Der Handschriftliche Nachlaß*. 5 Bänden. Hrsg. von Arthur Hübscher. München: Deutscher Taschenbuch Verlag (dtv), 1985. Band 1: Frühe Manuskripte (1804-1818) – *Erstlingsmanuskripte (1807-1811)*, pp. 4-14.

Como o tempo e as forças da vida humana, a mais grandiosa e breve que conhecemos, são deploravelmente utilizados e desgastados com inconcebível loucura! Isso me é claro quando vejo um homem cujo trabalho é me servir. Como a inconcebível e complexa criatura, a mais esplêndida e grandiosa da natureza, ocupa-se e angustia-se com a menor das preocupações, gasta dias e meses sem muitos outros pensamentos. [NI7]

3[12]

[Aforismos filosóficos]

Toda filosofia, e toda consolação por ela concedida, consiste em existir um mundo espiritual, no qual estamos separados de todas as [NI8] aparências do mundo externo e podemos vê-las de um lugar sublime, com a maior tranquilidade, sem envolvimento, desde que a nossa parte pertencente ao mundo corporal seja neste enormemente modificada.

Na profundidade do humano existe a confiança de que algo fora dele seja tão consciente dele quanto ele mesmo. O oposto vividamente representado, ao lado da imensidão, é um pensamento pavoroso.

O poeta objetivo não pode ser mais que um total expositor e não pode expor mais do que o mundo externo. Tudo o que é suprassensível, tudo o que está para além da esfera terrena ele conhece somente do seu interior, e, assim, se tornaria imediatamente subjetivo. O mundo externo expõe-se o mais confiavelmente – o poeta concentra o essencial, o característico, separa o casual.

Mas é isso o cume da poesia? Isso é tão divino quanto a imagem do presságio interior? Deve ser o mundo alcançado pelo poeta um mosaico de pedras já existentes? Não pode ele mesmo pintar com arbitrariedade irrestrita?

Por que repousa sobre a lembrança do tempo passado uma tão agradável

tranquilidade? Por que, ao nomearmos o tempo remoto, somos tomados por uma comoção melancólica? Por que vemos suas figuras numa suave luz brilhante, sem qualquer ofuscante mistura? Seria por que a morte as nivelou, por que suas preocupações e tormentos não mais existem e o tempo ensinou que eram somente ilusões; e agora rimos delas como das tribulações infantis?

Nós não devemos crescer e florescer como as plantas da Terra: isso nos diz toda tragédia; então, algo ainda melhor diz o [NI9] espectador a si mesmo e vê com prazer a destruição de tudo aquilo que frequentemente era o mais desejado.

[Para a tragédia de Sófocles]

Não somente a razão pelo belvedere da especulação, que cresce por meio de silogismos, mas um vivo - ainda que sóbrio - sentimento tão próximo a nós diz-nos que todo o nosso tormento, mesmo o mais terrível, não é nada que condicional ou facilmente não possa ser solucionado (nem que seja, ao menos, pela morte). Trata-se somente de uma imagem do *mal atual efetivo* que não se situa no tempo (como ele mesmo), mas na eternidade, que nós reconhecemos ou lembramos por meio da intuição interior, *vulgo* fantasia. Mas se somos arrematados por um tormento mundano, tornamo-nos carrascos de nós mesmos e somos impelidos a tomá-lo como imagem daquele *mal pavoroso e verdadeiro* e, então, somos levados a esbracejar e a lamentar. Treinar a razão nos faz reconhecer e evitar este engano, tal como queriam os estoicos. E como toda poesia é a imagem do eterno no tempo, também é despertada a ideia daquele *mal verdadeiro insolúvel incondicionado* pela imagem da infelicidade. Assim, somos tomados pela consciência da eternidade: e isso é a tragédia.

Ou tudo é perfeito, tanto o maior quanto o menor, nenhum sendo sacrificado pelo outro, em tudo existindo para o melhor fim o mais perfeito meio que o conduz como uma única linha reta. E, então, cada sofrimento, assim como cada erro, cada medo, deveria não ser um mal necessário, condicionado e compensado por outras situações, mas realmente o meio imediato, único direto, melhor, também para além de qualquer conexão com o restante. Ou, ao invés disso, - e quem poderia, pois,

permanecer frente a este mundo com tal suposição? - são possíveis somente dois outros casos: nós devemos admitir – caso não assumamos que tudo tem um fim mal - a violência ao lado tanto da vontade boa quanto de uma vontade má, visto que a última coage a primeira ao desvio; ou devemos atribuir esta violência somente ao acaso e, então, atribuir à vontade guiante a imperfeição na ordenação ou no poder.

[NI10] Se retiramos da vida os poucos momentos da religião, da arte e do puro amor, o que permanece a não ser uma série de pensamentos triviais?

O sofrimento que afasto de mim e transfiro ao outro se torna ainda maior: dessa forma, o grande volume de mal que existe no mundo surge porque o mal originário positivo (a culpa do mundo) aumentou devido à transferência egoística. Somente com um suportar voluntário e atraindo o mal para si haverá possivelmente a suposta infinita diminuição desse mal e surgirá, assim, o reino de deus.

4[13]

Essa vida pode despertar a sabedoria somente para essa vida? Em outras palavras, as mudanças - das quais minha vontade padece por meio de Παιδευσίς da vida no seu fundamento íntimo, ou, igualmente, por meio do mal ou do bem - determinam minha vontade somente na medida em que sua esfera é este mundo dos sentidos? Ou, então, meu ser se compadece com essas mudanças e, por conseguinte, a finitude se torna causal para a infinitude, assim como, no sentido inverso, em toda ação virtuosa a infinitude se torna causal para a finitude? Se não assumimos isso, pergunta-se: para que serve a galhofa do mundo?

5[14]

A miséria da vida nunca aparece tão claramente como quando um homem pensante vê com horror a lamentável incerteza e a total escuridão nas quais vive. Ele não encontra nada de sólido e incontestável em que possa se apoiar. Quando

ele, digo, com esse pensamento não destrói de imediato uma existência, que não é, então o respirar, o comer, o beber e o dormir tornam-se o sólido, no qual se apoia e ao qual retorna como a um refúgio. Mas não é assim! O sólido, no qual ele se apoia, é para ele o saber momentâneo, posto apenas em segundo plano, da verdade eterna, que é aquilo que o apoia a cada momento na vida. E assim como o respirar do corpo (*Körper*) é necessário para que o serviço do espírito não falhe, assim também o é aquele saber para o espírito afim de que tal homem não seja [NI11] despedaçado. Para aquele saber estar em primeiro plano têm-se arte e ciência.

6[15]

[Sobre Platão]

[*De Republica, lib. VI, in fine.*]

A diferença que muitos negam entre Ideia platônica e conceito geral abstrato me parece ser: nós podemos abstrair conceitos gerais das coisas que têm a sua existência só na relação e dos artefatos, ou seja, das coisas cujo conceito originário provém do entendimento humano. E assim o entendimento toma delas novamente sua própria criação, na qual ele combina o essencial de uma coisa para um propósito e abstrai aquilo que é contingente de todas as coisas desta espécie. Mas ele tem somente as ideias das formas da natureza, além daquelas que estão presentes nele sem qualquer objeto sensível. O entendimento realiza a abstração do inessencial e a combinação do essencial até mesmo ao formar as ideias dos objetos da natureza. Mas a diferença é que essas ideias, embora incomparavelmente mais perfeitas e somente como partes de uma grande ideia, devem estar, da mesma forma, na divindade por meio da criação da espécie e, dessa forma, a divindade comunica sua ideia para a humanidade pelo órgão da natureza, a qual é visualizada como sua linguagem. Em termos figurados, isso se torna claro ao se dizer: as Ideias são realidades presentes em deus. O mundo corporal é uma lente côncava que dissipa os raios emanados pelas ideias; já a razão humana é uma lente convexa que recolhe novamente as ideias e exhibe uma vez mais as suas imagens originárias, mesmo quando obscurecidas por um caminho turvo. Mas

aquelas ideias, que estão em nós sem ter um objeto no mundo dos sentidos, nos foram comunicadas por deus de modo imediato e não como aquelas primeiras que foram comunicadas pela linguagem da natureza. Nós, porém, por estarmos presos ao mundo dos sentidos, percebemos mais a sua expressão, pelo menos na maior parte dos momentos da nossa vida, do que as ideias presentes em nós. No entanto, como só podemos comunicar objetos sensíveis ou expressões dos mesmos e de suas relações, nós tentamos, imitando a divindade, expressar da mesma forma as ideias presentes em nós por meio da linguagem da natureza. Mas se nos falta a força da criação, não podemos criar novos objetos que correspondam completamente às ideias interiores. Tentamos, assim, criar por meio da combinação dos objetos da natureza já presentes. Essas necessárias tentativas imperfeitas são a filosofia, a poesia e a arte. [NI12]

[*Timaeus sive de Natura.*]

Quando Platão repentinamente, em suas exposições cosmogônicas, começa certas vezes a calcular e a ordenar números que não se sabe de onde vêm, como se relacionam, que grandezas de fato se designam ou qual resultado fornecem, então atribuo isso ao fato de ele ter experienciado como dos cálculos provém, às vezes, os resultados que até então foram vistos como impossíveis de serem obtidos e com os quais se surpreende; e de ele ter também acreditado que por meio dos números e das grandezas surgem também as verdades metafísicas (as quais, por serem justamente como são, estão para além do espaço e do tempo, sendo inalcançáveis por qualquer consideração matemática). Assim como eu não consigo imaginar que com isso Platão pensou algo significativo, do mesmo modo ele me lembra aquelas crianças pequenas que, sem saberem os vocábulos, pegam um livro e o leem com seriedade.

7[16]

ὁ γὰρ πᾶσι δοκεῖ τοῦτ' εἶναι φραμεν. (Aristoteles: *Ethica ad Nicom.* X, 2).
Τοῖς πολλοῖς πολλὰ δοκεῖ. (Plato: *de Republica IX*, p. 248 [ed. Bip.])

—

Platão, o divino, aspira consistentemente pela unidade e profundidade fundamental e todas as coisas são para ele meramente vocábulos nos quais ele lê as divinas Ideias. Por sua vez, Aristóteles sempre permanece na superfície, ele enumera incessantemente muitas coisas, classifica, separa, sem, todavia, colocar nelas algo outro como fundamento que não qualquer conceito geral, seco e arbitrário do entendimento. Ele sempre esteve mais para as palavras do que para as coisas, sem suspeitar ou almejar a verdadeira profundidade.

8[17]

[Notas a Kant]

A Crítica da razão pura poderia ser chamada de o suicídio do entendimento (na filosofia).

Epicuro é o Kant da filosofia prática, assim como Kant é o Epicuro da especulativa.

[NI13] O uso regulativo da razão em Kant é, talvez, o pior natimorto do entendimento humano.

Eis, talvez, a melhor expressão para as falhas de Kant quando se diz: ele não conheceu a contemplação.

Um conta uma mentira, outro, que sabe a verdade, diz que isso é um engano, e aqui se tem a verdade. Um terceiro, que não sabe a verdade, mas que é muito perspicaz, demonstra naquela mentira contradições e afirmações impossíveis e diz: por isso mesmo, isso é um engano. A mentira é a vida, o perspicaz é Kant, já a verdade foi trazida por alguns, como por Platão.

Se Goethe não tivesse sido enviado ao mundo simultaneamente a Kant, para ser, por assim dizer, seu contrapeso no espírito do tempo, então Kant teria sido um pesadelo para muitos ânimos aspirantes e os teria oprimido com grande tormento. No entanto, ambos em direções opostas, influenciam infinita e grandiosamente e, talvez, poderão elevar o espírito alemão a uma altura maior, que ultrapassa até mesmo a da antiguidade.

9[18]

[Pela leitura de um moralista]

O filisteu simples quer agregar à vida algo de infinito e de indispensável e busca considerá-la e executá-la como se a mesma nada mais tivesse a desejar. O filisteu culto faz o mesmo com princípios e métodos: ele agrega perfeição indispensável e validade objetiva a alguns desses. Assim, após serem encontrados, não lhe resta outra coisa a não ser mensurar a partir deles tudo o que acontece em sua base, para então aprovar ou rejeitar. Mas aqui a felicidade e a verdade nunca devem e podem ser alcançadas. Somente suas imagens sombrias nos são enviadas, para que nós nos comovamos. O ser humano ordinário persegue infatigável e incessantemente as imagens sombrias da felicidade, já o ser humano pensante as da verdade. Ambos têm, mesmo que somente imagens sombrias, muito mais do que podem alcançar. A vida é uma linguagem com a qual nos é dado um ensinamento. Se este nos fosse dado de outro modo, não viveríamos. Por isso, máximas de sabedoria ou regras de prudência jamais substituirão a experiência e sempre serão apenas um sucedâneo da própria vida. Porém, não se deve desconsiderá-las, pois pertencem à vida; pelo contrário, é preciso respeitá-las e tomá-las como se fossem cadernos nos quais outros indivíduos anotaram grande ensinamento do espírito do mundo, mas que teriam de ser anotações incompletas por sua própria natureza e [NI14] nunca substituiriam a autêntica *viva vox*. Elas [as anotações] são as menos capazes disso, pois cada ensinamento (a vida) diz a alguém algo diferente, dado que cada um necessita de algo diferente, como se fossem os apóstolos que, ao pregarem para a multidão o dia de Pentecoste, pareciam ter cada um uma língua diferente.

Recebido: 15/06/17
Received: 06/15/17

Aprovado: 10/07/17
Approved: 07/10/17